

REFLEXÕES SOBRE AS PRAÇAS DAS CIDADES HISTÓRICAS DO VALE DO PARAÍBA DO SUL, ESTADO DE SÃO PAULO - UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Antônio Fernandes Nascimento Júnior¹

Renata Cardoso Magagnin²

Nascimento Júnior, A.F. Reflexões sobre as praças das cidades históricas do vale do Paraíba do Sul, Estado de São Paulo - um relato de experiência. Revista Assentamentos Humanos, Marília, v3, n. 2, p29-37, 2001.

ABSTRACT

The town square, as an urban microcosm, presents and represents secrets, mysteries, desires, dramas and dreams. It is the most relevant collective urban space. Its fundamental rôle in the town, is as a meeting point for people.

The towns of the Valley of Paraíba do Sul reflect the nearby history, forming an historico-cultural patrimony of national importance.

This work proposes to relate some of the characteristics of the landscapes of the town squares of the Valley of Paraíba

¹ Prof. da área de pós-graduação em Planejamento Urbano e Regional: Assentamentos Humanos; FAAC -UNESP- Bauru, São Paulo.

² Profa. do Departamento de Arquitetura; Área de pós-graduação em Planejamento Urbano e Regional: Assentamentos Humanos; FAAC -UNESP- Bauru, São Paulo.

do Sul which are: Paraibuna, São Bento do Sapucaí, Santo Antônio do Pinhal, São Luiz do Paraitinga, Silveiras, Areias, São José do Barreiro, Bananal e Queluz.

The information on these towns was obtained on three journeys to the Valley. Observations were made of the characteristics of each square, each town and its inhabitants, as well as photographs registering these observations.

From the characteristics obtained, we observed that the Valley of Paraíba do Sul possesses an interesting history which is linked to the historical patrimony of the town. We cannot speak of the central squares without speaking of the history of the town itself, as the two complement one another.

Their pedagogically cultural landscape is not bound to the general pattern of urban landscapes of the inland Paulista towns. They should not be destroyed because it would be well to preserve them as generous deposits of an architectural history depredated by the greed for profit, by the absurd consumption of disposable goods.

Key Words: *Town Square, Paraíba do Sul, History of Architecture.*

Palavras-Chave: *Praça Urbana, Paraíba do Sul, História da Arquitetura.*

INTRODUÇÃO

A praça é o espaço coletivo mais relevante de todo o meio urbano. Seu papel na cidade é de ponto de encontro. A praça humaniza os espaços com a presença do todo, sem recortes, porque, ao contrário do jardim moderno que pertence a cada casa, a praça abarca todas as casas. As praças têm árvores, canteiros de flores, monumentos, bancos, bares, hotéis, restaurantes, edifícios públicos e financeiros, cinemas, teatros e, às vezes algumas lojas. Possuem exposições, demonstrações, lugares para passeios e residências.

Ninguém melhor que DOSTOIEVSKI para apresentar a praça; um lugar de encontro onde passam-se noites brancas, sob o céu escuro. Ninguém melhor que VICTOR HUGO para revelar o diálogo entre a praça da imponente e rica Catedral de Notre Dame e o miserável Pátio dos Milagres. Era em uma dessas praças que os gregos se reuniam para decidir o futuro da cidade e Sócrates exercitava a sua maêutica. Numa dessas praças, Marco Antônio discursou ao povo carregando em seu colo o cadáver recém assassinado de Júlio César.

A praça é um microcosmo urbano. Um recorte da cidade cheio de segredos, mistérios, desejos e sonhos. Dramas se desenvolvem nas praças, como em Maio ou na Paz Celestial, no Pátio dos Milagres em Paris ou na Praça XI, reduto de quilombos, no Rio de Janeiro.

Há múltiplas máscaras que revestem a praça no encanto da cidade. Há cidades pequenas com uma única praça. Há cidades gigantes com centenas de praças. Há praças pequenas e praças gigantes. Há praças arborizadas e praças de cimento e concreto, mas todas têm crianças brincando, amores se amando, olhares procurando, amigos conversando, alguém sonhando. Há praças brilhantes e praças na penumbra. Há moradores na praça,

alguns passageiros outros permanentes, que se avizinham com os freqüentadores. Há praças de guerra e praças de paz.

Assim a praça é a paisagem mais coletivamente urbana da cidade. Construída à partir da natureza aprisionada.

UM POUCO DA ORIGEM DA PRAÇA

A praça é caracterizada em todas as civilizações como sendo um espaço “público”. Da mesma forma que as ruas, ela, dentro do urbano é considerada pública (SALDANHA, 1993).

Ainda segundo SALDANHA (1993), “a praça integra organicamente o conjunto formado pela cidade, mas ao mesmo tempo esta nele como um espaço – quase como uma clareira – surgido pelo distanciamento entre determinadas porções construídas. A praça “nega” a continuidade das edificações, mas ao mesmo tempo ela é, em certo sentido, a essência da cidade”. A praça vem caracterizar essa dualidade entre negação de uma continuidade espacial e a essência da cidade, porque é nela que acontecem as grandes “encenações” (MAGAGNIN & NASCIMENTO JR, 1995). “A praça não é apenas uma extensão espacial: ela corresponde a um significado social, correlato do próprio espírito da cidade onde se insere”. (SALDANHA, 1993).

Na Idade Média, a praça não era entendida apenas como um marco zero da cidade, mas como um retrato de sua vida íntima, como seu micromodelo, centro de operações e decisões. (FERRARA, 1986).

A Ágora ou praça do mercado existente na Grécia Antiga era palco de reuniões, trocas, discursos, (...) (MAGAGNIN & NASCIMENTO JR, 1996). “Em cidades de maior porte, ela ficava em um local ao ar livre expressamente apresentado para fazer reuniões”

(BENÉVOLO 1983). Nos espaços centrais da praça que situavam os elementos da vida pública: cenários, atores, ações. Nele estavam os debates e as facções, as queixas e as decisões (SALDANHA, 1993; MAGNANI, 1992).

Segundo MARX (1980), a praça deve sua existência, sobretudo aos adros de nossas igrejas. A praça como tal, para reunião de gente e para exercício de um sem-número de atividades diferentes, surgiu entre nós de maneira marcante e típica, diante de capelas e igrejas, de conventos ou irmandades religiosas. Ela realçava-lhes os edifícios; acolhia seus freqüentadores.

A matriz ou a catedral se instalava junto à praça, conjuntamente com os principais prédios públicos. A praça na trama urbana era muito irregular. Com o passar do tempo, a ligação entre o edifício religioso e o vazio fronteiro ia se aproximando. Existiam também as praças cívicas que ficavam diante dos edifícios importantes, porém são exceções. Essas praças realçavam os prédios públicos importantes, transcendiam seu uso e seu significado local (MARX, 1980).

Uma igreja, uma praça: regra geral nas nossas povoações e cidades antigas. Os templos, seculares ou irregulares, raramente eram sobrepujados em importância por qualquer outro edifício nas freguesias ou nas maiores vilas. Congregavam fiéis e os seus adros reuniam em torno de si as casas, as vendas e quando não o paço da câmara. Serviam ao acesso mais fácil dos membros da comunidade, à saída e ao retorno das procissões, às representações dos autos-da-fé e pelo seu destaque e proporção, atendiam também a atividades mundanas como as de recreio, de mercado, de caráter político e militar (MARX, 1980).

A praça é, portanto, o elemento de ligação entre a igreja e a cidade. Ela realça o principal templo da localidade, atrai as mais ricas residências, o melhor comércio,

as atividades de lazer nas aglomerações menores ou mais conservadoras (MARX, 1980).

O mercado, a feira, o negocio ambulante tiveram e têm nas praças o lugar especial e historicamente próprio para sua prática (MARX, 1980).

Segundo FERRARA (1986), já "na cidade industrial, a praça de antigas raízes ou não, já apresenta certo descompasso em relação à escala, a dimensão de uma grande metrópole, porém ainda conserva o mesmo mito, ponto nevrálgico que pretende tornar transparente a vida dos grandes centros".

A praça, parâmetro das ousadas coordenadas urbanas, se recorta como um outro espaço, não natural, onde o que há de árvores e flores é expletivo e complementar, embora às vezes pareça esteticamente essencial (SALDANHA, 1993). Nela o espaço é que é o principal: em função de seu espaço é que se colocam árvores e monumentos (MAGAGNIN & NASCIMENTO JR, 1996).

As praças têm um caráter de ponto de encontro de pessoas em uma cidade, sendo também palco das manifestações sociais e culturais de uma determinada população (MAGAGNIN & NASCIMENTO JR, 1996). A praça é pensada como um espaço amplo, que se abre na estrutura interna das cidades, como uma confluência de ruas ou de qualquer sorte uma interrupção nos blocos edificadas. Um espaço geral onde se encontram árvores, bancos eventualmente monumentos, em alguns casos pequenos lagos artificiais (SALDANHA, 1993).

Em contrapartida, o jardim diferencia-se da praça pela sua configuração e arborização. Na praça o espaço que é o principal e em função do espaço é que se colocam as árvores e os monumentos (SALDANHA, 1993).

SOBRE OS OBJETIVOS E O MODO DE ATINGÍ-LOS

Este trabalho procurou relatar a experiência vivida em três viagens às cidades históricas do Vale do Paraíba do Sul no que diz respeito à paisagem de suas praças, sendo elas: Paraibuna, São Bento do Sapucaí, Santo Antônio do Pinhal, São Luiz do Paraitinga, Silveiras, Areias, São José do Barreiro, Bananal e Queluz.

As praças foram todas fotografadas enquanto eram observadas para a identificação de seus elementos constituintes. Uma descrição desses elementos em cada praça é a primeira parte deste trabalho e como proposta final temos a possibilidade de uma reflexão desses elementos.

A APRESENTAÇÃO DESCRITIVA DAS PRAÇAS

A praça central de Paraibuna, à semelhança de todas as outras estudadas, é margeada totalmente por construções históricas do século passado, sobressaindo a Secretaria da Cultura, onde se encontra a Casa do Artesão. A Igreja Matriz da cidade se encontra junto à praça, numa extensão que, por sua vez, é densamente arborizada e florida, localizando-se em seu interior canteiros onde verificamos antigas luminárias. Nela todos seus caminhos convergem-se ao seu centro, onde esta localizado o coreto, sempre em harmonia com todo esse entorno arquitetônico.

Na lateral da praça surge um calçadão recentemente construído, representando uma extensão dela e por não haver mais espaços na praça para grandes concentrações populares devido aos seus canteiros, todos utilizam-no para shows, reuniões culturais e de lazer. Neles estão alocadas lojas e bares com mesas,

cuja arquitetura presente é contemporânea. A praça representa, essencialmente, um ponto de encontro tanto para os hábitos regionais como para o lazer.

São Bento do Sapucaí possui várias praças e várias igrejas e ao contrário de Paraibuna, os caminhos da praça central não convergem para o coreto, mas sim para a Casa do Artesão, que congrega toda cultura local, representada por objetos de madeira, palha, ..., para sua exposição e venda. Contudo, esta praça, apesar de ser a principal da cidade, não possui uma igreja ou algum prédio municipal, como MARX afirma nas origens de nossas cidades.

Também em seu entorno há residências e estabelecimentos comerciais do final do século passado, inclusive com um grupo escolar que se localiza bem próximo a ela. Essa praça também é bem arborizada, nos moldes das demais praças.

Em Santo Antônio do Pinhal tanto a praça como a igreja foram reconstruídos e foi possível encontrar apenas alguns poucos exemplares arquitetônicos antigos, sendo a Prefeitura um desses exemplares em fase de restauração.

São Luís de Paraitinga possui um acervo histórico arquitetônico invejável, no entanto, o esquema geral de sua praça central é o mesmo que os descritos anteriormente. Sua praça central, localiza-se frontalmente à Igreja Matriz da cidade comprovando os moldes das praças introduzidas no interior brasileiro, como MARX disse anteriormente, possui canteiros que abrigam árvores, flores e antigas luminárias. Em seu centro localiza-se o coreto, que embora tenha sido reformado, permanece no mesmo local desde sua implantação junto à construção da cidade, preservando as mesmas características até então, não destoando do restante das construções históricas.

Como em nossas cidades, ela – a praça – possui diferentes funções com o

decorrer do dia; de manhã abriga senhores aposentados que se apossam dela para encontrar amigos e conversar, no início da noite e finais de semana, pais acompanham seus filhos pequenos para brincarem no interior da praça, sendo o coreto palco dessas brincadeiras para as crianças. Os jovens também se utilizam dela, tanto para conversar com amigos quanto para fazerem seu "footing".

Silveiras, já apresenta poucas construções históricas, mas a paisagem da cidade é muito influenciada pelo comércio de pássaros de madeira construídos artesanalmente pela população e sustentado por barbantes, à maneira de pingentes. Sua praça, no entanto, também não mantém suas características com o passado, já foi reformulada apresentando evidências da modernidade como canteiros elevados, cores mais vibrantes ao contrário do branco característico, contudo está localizada defronte a Matriz.

Areias, diferente das demais analisadas, a praça central da cidade se abre em frente da antiga Prefeitura como relatou Marx. Devido ao terreno acidentado e íngreme possui diversos patamares e escadas, porém, encontramos nela tanto os bancos como luminárias e o coreto que encontramos nas demais praças do vale.

A Igreja Matriz encontra-se próxima a sua lateral, porém, conforme fotografada e observada, ainda que possua também sua própria praça, esta não se caracteriza como sendo a principal praça da cidade.

Bananal possui três praças centrais, a primeira sendo extensão da Igreja Matriz, a segunda logo a sua frente e a terceira localizada a meia quadra desta última. A primeira praça é pequena e com poucas folhagens, já a segunda é mais arborizada e em seu centro, como em todas as outras praças, localiza-se o coreto da cidade. Próximo a ela tem o comércio, que se constitui basicamente da cultura e do artesanato da cidade, que é o barbante.

A terceira praça da cidade possui características da segunda praça, porém, lembra-nos mais um jardim devido ao tratamento paisagístico encontrado em seus canteiros, que juntamente com seu entorno de prédios conservados e em vias de restauração, constituem uma paisagem notável aos olhos de todos os visitantes.

São José do Barreiro possui também uma típica praça do interior paulista nos moldes das estudadas acima, porém é curiosa a disposição de suas árvores, elas não se encontram no interior da praça, mas na rua. Seu coreto também não está localizado na região central da praça, mas em uma de suas laterais, não tendo assim um destaque como foi dado nas outras cidades.

Queluz possui uma praça menos rica em tratamento paisagístico que as demais, localiza-se em frente a Matriz da cidade e seus prédios antigos é que chamam a atenção dos visitantes.

Podemos dizer que todas as cidades possuem praças com características semelhantes e com interessantes conjuntos arquitetônicos. Em todas elas a praça é o ponto de encontro, de lazer, de hábitos religiosos e representantes da cultura local.

A imagem da praça e seu papel na centralização das atividades sociais das cidades provincianas do século passado continua viva como um relato, vivenciando a história dos hábitos urbanos. As ruas periféricas às praças exibem casas com jardins cheios de flores do campo e uma cerca simbólica. Cavalos e bois pastam nas praças e as carroças complementam essa paisagem.

A presença do Parque Nacional da Serra da Bocaina, em São José do Barreiro, está mudando a paisagem das cidades do fundo do vale (Silveiras, Areias, São José do Barreiro e Bananal). Muitas pousadas estão sendo construídas e outras tantas adaptadas em casarões históricos,

principalmente em São José do Barreiro. O trânsito do jeeps, caminhonetes e caminhões já é grande e o turismo ecológico tem relevante importância na economia da cidade no período de férias.

Também durante o carnaval as praças se adaptam à presença de turistas, principalmente em São Bento do Sapucaí e São Luiz do Paraitinga. Passados tais períodos as cidades e suas praças voltam à calma cotidiana.

A QUESTÃO DO PATRIMÔNIO

O Vale do Paraíba do Sul (segundo LEMOS e TEIXEIRA LEITE, 1979; ANDRADE, 1986; MAIA, 1988; dentre outros autores), representa um importante patrimônio histórico-cultural para o país. As cidades deste conjunto, exibindo uma arquitetura eclética (conforme explica LEMOS, 1979) refletem um período importante na nossa história e passam por dificuldades com a falta de esclarecimento e incentivo devido a seu tombamento histórico.

Segundo MAGALDI (1992), "nós sabemos que a preservação da continuidade histórica no meio urbano ou rural é essencial para a manutenção ou criação de um quadro de vida que permita ao homem encontrar sua identidade, e provar um sentimento de segurança em face às mudanças brutais da sociedade".

Destruindo o passado, destruímos parte de nossa história e corremos o risco de no futuro cometermos os mesmos erros, como diz PAZ (1990, in Dias, 1995) "a destruição da memória afeta não apenas o passado, como também o futuro (...) se a memória se dissolve, o homem se dissolve".

Não é através da destruição dos casarões e das praças que se dará a modernização da cidade, pois eles estão

em harmonia e justificam assim sua permanência. Eles precisam se integrar à nova realidade das cidades, não perdendo no entanto seu encanto e sua história, mas fazendo delas seu ponto de atração para visitantes (BOSI, 1986). Não apenas em certas épocas do ano como em São Bento do Sapucaí e São Luiz do Paraitinga que constituem pólos de atração por seus carnavais contagiantes, mas o ano inteiro.

Segundo BOSI (1986), "a preservação de um conjunto histórico não se esgota, simplesmente, no seu reconhecimento e no compromisso de garantir sua permanência no decorrer da história, enquanto espaço de conviver coletivo. É, a um só tempo, a conservação e a valorização dos elementos que a compõem como as ruas e becos, as igrejas e praças, as casas, e acima de tudo, a preservação do homem com seu viver e suas práticas".

UM POUCO DE REFLEXÃO SOBRE O ASSUNTO

As cidades do Vale do Paraíba do Sul (conforme cita BATISTA, 1940 e STEIN, 1961; entre outros) tem uma história interessante e instigante. Não se pode falar de suas praças centrais sem falar das próprias cidades. E, sobre as cidades, a arquitetura é essencialmente ligada a sua história econômica (LEMOS e TEIXEIRA LEITE, 1979; MAIA, 1988).

Há no Vale, cidades que já são metrópoles e minúsculas cidades históricas com ares de presépios. São tais cidades que apresentam o passado no presente. Não se modernizaram como as vizinhas metrópoles em função de uma falta de alternativa à partir da queda do café. Suas praças as refletem por inteiro. Seu doce aroma de flor do campo, seu suco de jabuticaba e maracujá, sua moda caipira, suas peças artesanais de palha, de

madeira, barro ou barbante, sua paisagem pedagogicamente cultural, se encontram desvinculadas do quadro geral das paisagens urbanas desse tipo de cidade do interior paulista. Não se destruíram porque houve por bem preservá-las como despojos generosos de uma história arquitetônica predada pela avidez do lucro, do consumo absurdo dos bens descartáveis.

Embora tenham ares de cultura, estas cidades e suas praças não cumprem o papel de redutos de um saber explícito, uma memória histórica global de Estado de São Paulo e mesmo do Brasil. Não porque haja esforços municipais nesse sentido, pois a Prefeitura de São Luís do Paraitinga, por exemplo, manifestou, em vários momentos, o desejo (inclusive formal) de construir um programa educacional para estudantes de ensino fundamental, médio e superior. No entanto, em função da falta de um projeto pedagógico estadual e mesmo federal, mas abandonados às prefeituras locais que não vêem como dar a eles a dimensão pedagógica estadual e federal necessária a sua sobrevivência.

Os valores globais, por sua vez (como afirma IANNI, 1940) ameaçam as culturas regionais, homogeneizando-as numa descartável gama de produtos e personagens simbólicas rapidamente fabricadas, consumidas e substituídas.

Seria mais adequado (como explica HALL, 1992) procurar uma nova articulação entre o global e o local, através da proposta educacional citada no parágrafo anterior.

Desta maneira, uma das principais formas de tal articulação, consiste em realçar a relevância do ensino e da pesquisa na defesa dos bens culturais como lembra MAHEU (1965) e SIMAS FILHO (1975), entre outros.

Enquanto isso não ocorre, uma viagem a Paraibuna, São Luís do Paraitinga, Silveiras ou São José do Barreiro é simplesmente algo pitoresco onde apenas



se bebe um pouco de tranqüilidade, se compram produtos artesanais e se banha na Cachoeira de Santo e Vidro, espantando cuidadosamente, é claro, a memória da natureza e da história.

BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, A.L.D. de **Arquitetura Vernacular: Vale do Paraíba**. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Fundação Nacional Pró-Memória, vinculada à Secretaria do Patrimônio e Artístico Nacional (SPHAN), Ministério da Cultura. Rio de Janeiro, n°21, p.158-168, 1986.

BATISTA, C. D. **Aspectos do Vale do Paraíba e do seu Reerguimento Econômico no governo Ademar de Barros**. São Paulo, Secretária da Agricultura, Indústria Comércio, 1940.

BENÉVOLO, L. **História da cidade**. São Paulo. Perspectiva, 1983.

BOSI, V. **Núcleos Históricos: recuperação e revitalização; a experiência de Olinda**.

Revista do Patrimônio Histórico e artístico Nacional. Fundação Nacional Pró-Memória Vinculada à Secretaria do Patrimônio e Artístico Nacional (SPHAN), Ministério da Cultura. Rio de Janeiro, n°21, p.134-145, 1986.

DIAS, P. F. **A cultura, o meio ambiente e a arquitetura do município de Eldorado Paulista**. Projeto de pesquisa apresentado à Área de Pós- Graduação em Planejamento Urbano e Regional: Assentamentos Humanos da FAAC. UNESP. Campus de Bauru, 1995.

DOSTOIEVSKI **Noites Brancas**. Santiago. Sociedade Comercial y Editorial Santiago LDA, 1988.

FERRARA, L. **Leitura sem palavras**. São Paulo. Ática, 1986.

HALL, S. **The questions of cultural identity, modernity if future**. Cambridge, Polity Press/ the Open University, 1992.

IANNI, O. **A modernização do mundo**. Margem – Condição Planetária. Faculdade de Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica. São Paulo, n° 3. São Paulo, EDUC, 1994.

LEMOS, C. A. C. **O Ecletismo em arte no Brasil**. 2º vol. Coordenado por Pedro Manoel Gismonte, São Paulo, Editora Abril Cultural, 1979.

LEMOS, C. A. C. & TEIXEIRA LEITE, J. R. **Na terra dos tropeiros, em arte no Brasil**. 1º vol. Coordenado por Pedro Manoel Gismonte, São Paulo, Editora Abril Cultural, 1979.

MAIA, T. R. de C. **O passado ao vivo**. Fundação para o desenvolvimento da educação. São Paulo, 1988.

MAGNANI, J. G. C. **Da periferia ao centro : Pedacos & Trajetos**. Revista de Antropologia. São Paulo, USP, 1992, v. 35, p. 191 - 203.

MAGAGNIN, R. C. & NASCIMENTO JÚNIOR, A. F. **A questão das praças dos Núcleos Habitacionais em uma cidade de porte médio – O caso de Bauru – São Paulo**. Anais do VIII Seminário de Ecologia. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 1996. (No prelo)

MAGAGNIN, R. C. & NASCIMENTO JÚNIOR, A. **A realidade das praças dos núcleos habitacionais de Bauru**. Anais do II Simpósio de planejamento Urbano e Regional: Assentamentos Humanos. Unesp – Bauru, 1995. (No Prelo)

MAGALDI, C. **O público e o privado: propriedade e interesse cultural – Direito a memória – Patrimônio Histórico e Cidadania**. São Paulo

(cidade). Secretaria Municipal de Cultura. Departamento do Patrimônio Histórico DPH. São Paulo: DPH, 1992.

MAHEU, R. **garantia a perenidade dos monumentos é um dever da humanidade.** Boletim informativo da UFBA. Parte Cultural. Salvador, nº 106/7, p. 26-27, 1965.

MARX, M. **Cidades Brasileiras.** São Paulo. EDUSP, 1980.

SALDANHA, Nelson **O jardim e a praça: o privado e o público na vida social e histórica.** São Paulo. EDUSP, 1993.

SIMAS FILHO, A. **Ensino e \pesquisa na defesa dos bens culturais.** Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, nº 17, p.83-90, USP. São Paulo, 1975.

STEIN, S. **Grandeza e decadência do café no Vale do Paraíba.** São Paulo. Brasiliense, 1961.

VICTOR HUGO **Nossa Senhora de Paris.** Porto, Lello & Irmão – Editores, 1967.